

## ***Razão e sensibilidade: a filosofia e a experiência estética***

*Antonio J. Severino  
Uninove. Feusp*

A filosofia aborda questões relacionadas à condição do existir humano, aos processos do conhecimento bem como aquelas relacionadas aos valores que presidem o agir das pessoas e das sociedades. Como se consagrou na sua tradição cultural no Ocidente, seu campo de abordagem envolveu as três dimensões: a ontológica, quando trata das condições do existir e do ser; a epistemológica, quando explora as possibilidades do conhecer, e a axiológica quando discute as referências do agir. Ao se preocupar com as exigências do agir, da prática, ela se debruça formalmente sobre os valores éticos, que servem de referência para o agir pessoal, sobre os valores políticos, que balizam o agir social. Mas a consciência valorativa envolvida pela filosofia é interpelada também por uma outra categoria de valores, os valores estéticos.

Delineia-se assim uma expansão do território da nossa subjetividade, que tem um amplo espectro de modos de nos colocar em relação com o mundo que nos envolve. Nós conhecemos os objetos que constituem o mundo pela mediação dos conceitos, construídos pela nossa consciência cognitiva; mas nós também avaliamos todos os objetos, todas as situações, mediante nossa consciência valorativa.

Os valores estéticos são aqueles que vivenciamos ligados a nossa sensibilidade corpórea, eles expressam qualidades vinculadas aos nossos sentimentos nascidos da própria vivência de nossa condição corporal. Vivenciamos esses valores naquelas experiências que têm nos sentidos do corpo uma mediação mais intensa, experiências estas que chamamos de estéticas, justamente por nascerem da sensibilidade.

Assim, entendemos como estéticas aquelas vivências que, ao mesmo tempo em que são subjetivadas, se relacionam mais intensamente aos sentidos orgânicos do corpo, produzindo em nós uma sensação de prazer. Mas elas só nos dão essa sensação exatamente porque são subjetivadas. Pela sensibilidade estética, implementada pela

mediação da visão, da audição, da olfação, da gustação e da tateação, atribuímos aos objetos de nossa experiência uma qualidade que se expressa pela satisfação, pelo prazer, pelo bem-estar que eles provocam em nós. Igualmente, todas nossas ações que envolvam tanto os objetos materiais como os dados culturais, nossas relações interpessoais, enfim, todo nosso agir quer manejando o mundo, quer relacionando as pessoas, quer fruindo os bens simbólicos, é atravessado por essa sensação prazerosa, positiva ou negativamente, que causa bem-estar ou mal-estar, sempre no plano da subjetividade. O sentir nunca é só uma afecção físico-biológica, é sempre uma vivência profundamente subjetivada.

Assim, embora tenha prevalecido em nossa cultura uma vinculação muito forte da estética à beleza, a experiência estética é mais abrangente. Isso porque todas as sensações que temos, vinculadas a todos os nossos sentidos, são estéticas. A vivência estética abrange toda a esfera da sensibilidade, quando nesta está envolvida qualquer mediação dos sentidos corpóreos. Diz, portanto, respeito àquela qualidade de nossa experiência do mundo, mediada pelos sentidos, mas igualmente subsumida pela subjetividade, distinguindo-se, portanto, da mera afecção orgânica, dos atos puramente fisiológicos que a sustentam e a acompanham.

Ainda que intimamente ligada ao corpo, essa vivência só é estética se for igualmente ligada à vivência subjetiva, se ocupar também o território da subjetividade, se tiver uma interface com a sensibilidade cognitiva, se for uma modalidade de apropriação do mundo pelo sujeito.

A arte é a forma de expressão da sensibilidade estética. Através da obra artística, elementos do mundo objetivo são manejados e trabalhados de modo a suscitar essa sensibilidade. Ela se torna portadora da sensibilidade estética da pessoa do artista e leva outras as pessoas a suscitar em si igual vivência, compartilhando assim aquela experiência de prazer e de agradabilidade. Assim, quando ouvimos uma peça musical, quando contemplamos uma pintura, quando apreciamos qualquer obra de arte, somos mobilizados por esse sentimento que se traduz como uma vivência agradável, prazerosa, que nos causa uma satisfação intensa. Satisfação que nos chega através dos sentidos orgânicos, mas que é fruída no plano da nossa subjetividade.

A incorreção reducionista que tende a privilegiar a experiência da beleza como a experiência estética por excelência certamente procedeu da condição igualmente privilegiada do sentido da visão quanto a essa interface com a sensibilidade cognitiva. Pois quando se trata de registrar e sentir o que é a sensação da beleza, daquilo que é belo, o sentido privilegiado é o da visão que é, de fato, o que ocupa a interface mais íntima com a vivência do conhecimento. Ademais, a cultura e a filosofia ocidentais, desde Platão, sempre enaltecem e priorizam, na descrição e definição do conhecimento, a visão, que se dá sob o ambiente da claridade, da luz, da iluminação. Tanto que a visão, a iluminação, a evidência, são metáforas correntemente usadas, até hoje, para caracterizar e expressar a experiência do conhecimento. O ver, na experiência do mundo pelos humanos, é sempre considerado superior ao ouvir, ao tatear, ao saborear e ao cheirar. Achamos sempre que conhecemos melhor aquilo que vemos do que aquilo que ouvimos, que tateamos, que saboreamos ou que cheiramos. Mas todas essas experiências nos falam dos objetos do mundo, nos dão algum conhecimento, fazendo-nos, ao mesmo tempo, atribuir a eles uma qualidade valorativa.

Para resgatar a importância de todos os sentidos, alguns pensadores preferem relacionar estético ao gosto, fazendo uma **teoria do gosto**, enquanto que outros preferem relacioná-la à experiência abrangente do prazeroso. É estético tudo aquilo que se refere à uma vivência de prazer que envolva simultaneamente a mente e o corpo.

Cabe ainda observar o seguinte: bem se vê que a consciência estética não se desvincula nem da consciência epistêmica e nem da consciência ética. Toda atividade cognitiva tem uma dupla interface, ela tem sempre uma dimensão ética quanto afetiva, emocional; do mesmo modo, toda atividade ética, ao envolver um juízo de valor moral, tem uma ressonância emocional e intelectual; e, como vimos nesta Unidade, toda experiência estética envolve uma avaliação ética e uma consideração epistêmica. Esta mútua implicação entre essas três esferas é própria de nossa própria condição humana, elas se originam e se desenvolvem no mesmo e único território da subjetividade.

Mas não seria a sensibilidade afetiva a principal fonte de referência do agir e dos valores que presidem nossas opções? No clima de crítica às posições racionalistas exacerbadas típicas do iluminismo, clima este tão forte nestes tempos de pretensa pós-modernidade, tem sido comum confundir-se conhecimento e racionalidade. Sem

dúvida, quando se trata das opções valorativas necessárias para a significação de nosso agir, base de orientação da própria existência, a sensibilidade afetiva, a emotividade, a subjetividade desejante, são fatores dinâmicos indiscutíveis. Isso legitima as colocações teóricas dessas novas formas de filosofia que têm se manifestado ultimamente, justificando plenamente a crítica que fazem ao racionalismo exacerbado, na medida em que ele signifique a exclusão de qualquer dimensão de sentimento, de emoção, de paixão, de desejo. Mas o que é preciso ter bem presente é que essa potência desejante, se não impregnada pela intencionalização da subjetividade epistêmica, perde toda sua especificidade humana. É quando prevalece o irracionalismo cego! Mas esta imagem da cegueira não deve ser pretexto para se legitimar um iluminismo radical, nem a defesa de um logicismo formalístico, transcendental, idealista. Não é disso que se trata em filosofia! O que está efetivamente em pauta é a abrangência de nossa subjetividade e, conseqüentemente, da dimensão epistemológica, cognoscitiva de nossas atividades de conhecimento. O território da subjetividade envolvida na atividade de conhecimento não se confunde com nem se restringe ao território da racionalidade lógica. Toda expressão emocional da subjetividade humana é igualmente atravessada pela dimensão epistêmica do saber assim como toda expressão epistêmica está impregnada de afetividade! Por isso, expressando-me metaforicamente e jogando com a afinidade etimológica das palavras *saber* e *sabor*, podemos dizer que o sabor, presente na vivência afetiva emocional, só se vivencia como sabor na exata medida em que é atravessado pela vivência do saber ou, dito de outra forma, *o desejo só se sabe (saboreia) sabor, na medida em que se sabe (vivencia) como saber*. Na complexidade da expressão existencial humana, a atividade subjetiva é resultante da atuação simultânea de uma multiplicidade de fatores de ordem biológica (forças decorrentes do funcionamento neuro-fisiológico do organismo vivo), de ordem afetivo-emocional (decorrentes das funções psíquicas da mente), e de ordem epistêmica (articulações lógicas da subjetividade).

Resumo curricular - Antonio Joaquim Severino, professor titular aposentado de Filosofia da Educação na Faculdade de Educação da USP, onde atuou de 1986 a 2010, é atualmente docente pesquisador junto ao PPGE da Universidade Nove de Julho, em São Paulo. Bacharel e mestre em Filosofia pela Universidade Católica de Louvain, Bélgica, em 1964, fez seu doutorado na PUCSP em 1971. Nesta Universidade, lecionou de 1966 a 1988, tendo exercido nela também as funções de Diretor do Centro de Educação e de Vice-Reitor Acadêmico. Prestou concurso de Livre Docência em Filosofia da Educação, na Universidade de São Paulo, em 2000, e de titularidade em 2003. Seus estudos e pesquisas atuais situam-se no âmbito da Filosofia e da Filosofia da Educação, com destaque para as questões de epistemologia,

de antropologia e de ética relacionadas com a educação e para as temáticas concernentes à educação brasileira e ao pensamento filosófico e sua expressão na cultura brasileira. Desenvolve atualmente pesquisa sobre A literatura latino-americana de Filosofia da Educação: construção de uma bibliografia comentada. Dentre suas publicações, destacam-se *Metodologia do trabalho científico* (Cortez, 1975; 24. ed. 2016); *Educação, ideologia e contra-ideologia*. (EPU, 1986); *A filosofia no Brasil* (ANPOF, 1990); *Filosofia* (Cortez, 1992; 5. ed. 1999); *Filosofia da Educação* (FTD, 1995; 2. ed. 1998); *A filosofia contemporânea no Brasil: conhecimento, política e educação* (Vozes, 1999); *Educação, sujeito e história* (Olho d'Água, 2002); *ensinar e aprender com pesquisa no ensino médio*, (em co-autoria com Estevão Santos Severino, Cortez, 2012), *Filosofia no Ensino Médio* (Cortez, 2014) e vários artigos sobre temas de filosofia da educação.